

# FLORDO

E O MUNDO CAIPIRA

# NIÓBIO

JUAN DUARTE



"Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde  
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.  
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em  
pânico.  
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio."

Trecho de "A flor e a náusea"  
- Carlos Drummond de  
Andrade



Para os água-mole,  
Para as pedra dura,  
Aos brotos que insistem em furar o concreto.

Aos meus pais, Carlos e Vanessa, e à minha irmã, Ana,  
agradeço por serem lampião do meu caminho.

Aos mis amigues, Rapha, Marina , Alan, Pedro e  
Martina, agradeço pela visão, braços e pernas  
curiosas que trilhararam essa jornada ao meu lado.

Aos meus avôs, Jaime e Mariuza, Zequinha e Maria  
Divina, agradeço por serem eternas estrelinhas do  
meu céu.

Ao Ti Walter, Tia Guinha, Ti Díleno, Tia Maria, Ti Seba,  
Tia Nízia e à toda Comunidade dos Coqueiros, a  
eternidade.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

JOÃO PEDRO MARCELINO DUARTE

A FLOR DO NÍOBIO  
e o mundo caipira

Catalão - Go  
2022

JOÃO PEDRO MARCELINO DUARTE

A FLOR DO NÍOBIO  
e o mundo caipira

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Departamento de  
Artes Cênicas da Escola de  
Comunicações e Artes (ECA) da  
Universidade de São Paulo (USP);  
Curso de Bacharelado em Artes  
Cênicas

Orientadora: Andréia Vieira  
Abdelnur Camargo

Catalão - Go  
2022



# SUMÁRIO

07

*OS COQUEIROS*

41

*O BEIJO DA MURIÇOCA*

49

*COWGAY ALL THE WAY*

A high-contrast, black and white photograph with a grainy, textured appearance. The subject is shown from the chest up, wearing a dark, patterned garment. Their hands are clasped in front of them, and their fingers are interlocked. The background is dark and indistinct.

OS COQUEIROS

Um ciborguinho caipira e não nego. Minha curiosidade é aguçar esse e outros sentidos. Esse que nos permite ler o texto mas não somente. Aqui, experimento o escutar e seus afluentes. Queria que pudessem sentir o cheiro daqui agora, tal como o toque de minha pele nas suas e assim como o gosto de minha língua na tua, renan souza lima filho do teu pai.

Esboço, nesse que se apresenta na tela, uma história para boi dormir. Um causo. Uma verdade e 3 mentiras. Aumento mas não invento. Sobretudo, essa é uma tentativa de não me esquecer de tudo que está sendo lembrado. Traço nesse documento meu agrupado. A cidade que engoliu o mato. O mato revidando o fato. Eu sendo vomitado e voando pro alto. A queda. A queda.

Escrevo por mim, olhando pelas minhas e meus que também não me pertencem. De dentro da janela do carro em movimento, o mundo é um borrão e eu tô no porta malas. Vez em vez a luz do poste entra de uma vez no meu olho. O saibro de tudo iluminado. O flash estacionado no pau da porta da tia Neide subindo a escola. Eu vejo ele de cabeça pra baixo. Eu não vejo mais nada. Eu sinto ele entrando e sumindo no meu olho a cada rodada do pneu do carro do meu pai. O caminho é sempre subindo e descendo. Deslizo no asfalto recém colocado da Avenida Dr. Lamartine Miguel Safatle. Meus ombros sentiram. Estou chegando em casa. Quatro viradas e um farol. Estou chegando em casa. Fusca azul, escola Dona Yáyá e a farmácia torres. Daqui, posso contar até 30, mas às vezes, é menos. A igreja e o disque bebidas. A casa da minha vó e a praça das mães. Estou entrando em casa.



Delirar em vida. Sonhar tanto com a terra até que os pés não acreditem mais tocar o cimento. É como se a ideia de corpo aqui fosse a de uma carapaça que se preenche apenas com memórias e não mais com boas novas. A novidade já não é tão nova assim. Ela não faz mais tanto sentido. Escolher viver dos murmúrios do que já se foi e do que já se viu. Romper a fronteira de se estar vivo ou morto. Habitar a fresta da sobrevida.

Meu avô paterno viveu seus últimos anos dessa forma. Deixado pela sua segunda esposa e com um quadro de isquemia que comprometia sua visão, ele enxergava da linha do horizonte para cima. Em seu campo de visão, o chão não estava mais à vista. Para enxergar o solo que pisava, seu Zequinha tinha que tomar a cabeça rumo ao solo, coisa que fazia pouco e gerava uma tontura danada. Ele preferia mesmo olhar para frente e imaginar a terra que pisava.

Com o andar cambaleante, ele morava sozinho numa casinha pequena na cidade, quatro ruas abaixo de onde eu morava. Meu pai sempre ia em sua casa por volta das 8h da manhã para acordá-lo e ambos tomavam café da manhã juntos. Todo dia, ao ser acordado em sua pequena cama, seu Zequinha falava:

- Bom dia meu fi, Deus te abençoe. Pai tava dando só uma espichada nas perna. Tô na lida desde as 4h da manhã tratando das hortaliça e dos bichim. Canseira demais. Já tirei o leite da vaca, café tá na mesa com um pãozim de queijo que eu acabei de assar.

Em sua casa, meu avô não tinha horta, nem bichinhos. Nem o leite tirado da vaca e nem o cafézinho na mesa. Mas meu pai sempre concordava com cada palavra. Me lembro bem de uma conversa que tivemos em que meu pai disse pra não contrariarmos meu avô. O que ele falasse era para concordar.

Assim, passamos seus últimos anos delirando com ele. Vivendo nesse universo de fantasia e lembranças compartilhadas. Por vezes, podíamos ver nitidamente sua cabecinha passeando pelas roças que morou, falando de seus pais como se estivessem no quarto ao lado e como se nós, seus filhos e netos, estivéssemos naquele tempo-espacô com ele. E de fato, estávamos. Para ele, a ideia de passado e presente se emaranhamavam, e o futuro não parecia existir. Não me lembro de o ver falando de planos, nem vontades. Era como se isso nem fosse uma questão.

Por vezes, ele pedia para ir aos Coqueiros no fim de semana. Quando íamos pra lá, era como se ele nunca tivesse saído. Passava a manhã debaixo do pé de manga. Às vezes, ele comia tanta manga que não conseguia nem almoçar. Eu não entendia como era possível alguém não salvar um espacinho pro frango de molho e carne da lata da Tia Guinha. Mas pra ele, tava bão.

Ali debaixo da mangueira, com canivete na mão, camisa suja de sumo e cigarro no bolso - mesmo falando pra gente que tinha parado de fumar- ele voltava a ser o Zéquinha da Olinda. Meninão que brincava solto por entre as roça tudo ali da região. O Seu Zequinha ficava na cidade. Essas idas aos Coqueiros, só refrescavam sua cabeça, como um banho num rio de lembranças. Voltava de lá dentro do carro, caladinho. Meio sorrindo, meio chorando. Como se o dia tivesse sido diálogo suficiente.

Falando de cigarro, me lembro de uma vez que ele disse que realmente tinha parado de fumar. íamos em sua casa e não sentíamos mais o cheiro. Dias e dias se foram assim e passamos realmente a crer que o vício do tabagismo tinha subitamente desaparecido. Fomos pros Coqueiros no final de semana e me lembro de num dado momento, começar a ver de longe, uma fumacinha subindo no meio do milharal.

Fui me aproximando de pouco em pouco, todo sorrateiro. Cheguei ,então, há uma distância em que conseguia enxergar com nitidez meu vó Zequinha ali, no meio do milharal fumando. Juntei todo o ar que tinha no peito e fui gritando bem alto me revelando por entre as folhagens:

- Eêêê Vô!!! Mas o senhor não tinha parado de fumar?

Ao que ele na maior tranquilidade, ainda com cigarro em mãos, virou pra mim e respondeu:

- Que mané cigarro menino! Eu to é palitando os dente.

Meu avô faleceu no dia 24 de Dezembro de 2011 de embolia pulmonar. Logo após a reza e antes da ceia. Nesse ano, não teve amigo-secreto, nem Papai Noel. Foi o nascimento do menino Jesus marcando a morte do menino Zequinha. Nessa noite, eles estavam mesmo juntos, deitadinhos em suas respectivas manjedouras. Adorados e celebrados por seus poucos familiares, com muito carinho e simplicidade que só a contemplação da vida e da morte carregam. Lembro do meu pai perguntando minha tia:

- Posso ser seu pai daqui pra frente?

Ao que ela concordou, o abraçando. Depois de velá-lo, seguimos de carro para os Coqueiros. Ali, ele iria voltar para sua terrinha amada. Para a sede de todos seus devaneios mais gostosos e vivências mais latentes. Foi-se à terra, do lado direito de sua mãe, do lado esquerdo do seu pai, e arrodeado por seus irmãos.

Foi a primeira vez que vi uma cova sendo aberta, lembro que aquele momento todo me aterrorizou. Se imaginar engolido pra sempre. Um tipo de medo envolto de curiosidade. Então é aqui o novo lar do meu avô? Seria possível ter, ainda, alguma fresta de vida ali embaixo? Demorei tempos para voltar aos Coqueiros e também, nunca mais gostei de Natal. O fato é que o retorno cíclico à terra ao qual viveu e sonhou meu avô me persegue.







## A Flor do Nióbio

Aqui tinham,  
aqui tinham sãos e sãs, aqui tinham ação.  
Calças jeans por todos os lados,  
mix de estampas e peles  
E o coro das irmãs mochileiras

Rodo, rodo,  
sobre o que antes era terra.  
Só terra, soterro a terra.  
Só o sol soterrava a terra  
de amarelo, laranja e não sei mais o que.

O céu e a terra aqui se encontram  
e apertam as mãos.  
Oia só quem vem lá!  
Oia só quem vem lá!  
Duro como um pé de guariroba,  
Delicado como o gosto da acerola,  
O gosto da acerola.  
O corpo caipira desfila delirante no fio de  
aramé farpado  
No tempo da luz, dos bois e das galinhas  
Conheço todas minhas vizinhas e por aqui  
Quem há de passar.

## A Flor do Nióbio

Ó Cumpadi, Ó Cumadi  
Ó Cumpadi, Ó Cumadi  
Ó Cumpadi, Ó Cumadi  
Ó Cumpadi, Ó Cumadi

Quem há de passar  
Quem há de passar  
Quem há de passar  
Quem há de passar

Quem há de passar  
Quem há de passar  
Quem há de passar  
Quem há de passar

Quem há de passar  
Quem há de passar  
Quem há de passar  
Quem há de passar

## A Flor do Nióbio

Nós de pele seca  
Nós de fruto amargo  
Como animais, fugimos da chuva  
Abrigo

Mas hoje eu quero dançar,  
meter meus pés na poça  
e fazer nascer em mim o verde de novo  
Do tronco queimado minhas raízes bailam nas  
águas

Um merengue, um rasta-pé, um congado  
Do tronco queimado minhas raízes bailam nas  
águas

Um merengue, um rasta-pé, um congado

Congo não pula na poeira  
Congo não pula pula  
Congo não pula na poeira

Pode chover que hoje eu quero dançar,  
quero dançar.  
Quero dançar

Pode chover que hoje eu quero dançar,  
quero dançar.  
Quero dançar



Zequinha da Olinda Duarte nasceu nos Coqueiros, comunidade rural próxima a cidade de Catalão, no interior de Goiás. O agrupamento dos Coqueiros foi fundado por seus antepassados, por grande parte, portugueses e caboclos, chegados na região no fim do século XIX. Gente simples, apegada a terra que por gerações se alocaram próximos aos rios e riachos da região, desenvolvendo técnicas de agricultura e pecuária de subsistência. O excedente produzido era trocado entre os vizinhos ou vendido nas feiras da cidade semanalmente.

Diferentemente de todos os seus irmãos e irmãs, meu avô foi o único na sua jovem adulterz a sair dos Coqueiros e se mudar para Catalão. Onde conheceu minha avó Maria Divina, e juntos tiveram meu pai, Carlinhos, e minha tia, Carminha. Ambos, nascidos já na cidade mas muito apegados à comunidade e à toda nossa família que lá residia. Eu, minha irmã, Ana Luiza e minha prima, Laís, filha única de minha tia, nascemos igualmente na cidade.

É interessante notar que o campo sempre esteve desenhado nos relatos dos meus familiares como nosso ponto de partida comum. Uma espécie de demarcação territorial interna. Nascidos na cidade, mas se alguém perguntasse, meu pai já se prontificava a explicar que, na verdade, nós éramos dos Coqueiros. Dessa forma, o campo sempre chegou a mim como uma experiência coletiva atravessada. Como uma cosmogonia de estórias, causos e fantasias a qual eu fazia parte por laços comunitários e familiares.

Eu sempre fui e não fui dos Coqueiros. Sempre estive não estando. Com meu avô Zequinha, vivi a dúvida da escolha do êxodo. E creio que é justamente essa dúvida um dos motivadores dessa minha pesquisa. Valeu a pena esse projeto de vida? O que resta desse corpo caipira quando ele se desgarra do campo? Existe a possibilidade de existência de um corpo caipira-urbano?

Para Luigi Russolo, autor do manifesto "The Art of Noise: Futurist Manifesto", o barulho adentrou a humanidade a partir da revolução industrial, com a invenção das primeiras máquinas. A partir daí, o "silêncio", simbolicamente compreendido pelo autor como uma paisagem sonora sem a intervenção de barulhos mecânicos, acabou.

Nos Coqueiros, foi a partir dos anos 2000. Todos os dias de manhã e ao fim da tarde, uma sinfonia de galinhas e pássaros tomava conta dos ouvidos dos moradores. Em época de chuva, os estralos dos trovões assustavam quem residia por ali. O maior estrondo registrado até então era o da viola caipira explodindo junto à cantoria das festas de roça, as ditas festas da colheita, que aconteciam sempre no mês de julho.

Em meados de 1990, a empresa Anglo American Nióbio Brasil Ltda, que já extraia fosfato em terras adjacentes, descobriu nióbio na região. Por entre os moradores, ninguém recebeu essa notícia como uma boa nova.

A partir dos anos 2000, iniciaram a extração de nióbio e com ela, os planos de expansão das áreas de extração também foram se intensificando. A presença exacerbada de caminhões por entre as pequenas vias de terra da comunidade, não só atrapalhavam pelo barulho constante que persistia inclusive durante a noite mas pela produção descomunal de poeira e também pela deterioração completa dessas estradas que já eram precarizadas.

Os morros e montanhas que acompanhavam toda a vivência dos camponeses da região, começaram a serem explodidos frente à seus olhos e na calada da madrugada, sem aviso prévio, gerando medo e instabilidade emocional em quem havia crescido por ali.

Os córregos, essenciais para o abastecimento e irrigação da região, pouco a pouco, foram secando, adquirindo coloração e odor duvidoso e gerando grande precarização das condições de vida dos moradores que dependiam diretamente dessas fontes hídricas.

Nas palavras de moradores da comunidade :

- "Começou devagar, depois foi avançando, comprando terra de um, terra de outro, até ir esvaziando, tirando o povo da Comunidade. Hoje acabou tudo, a mineração dominou isso aqui, ela precisa do minério para lucrar".

- "Vai acabar com tudo aqui, vai expulsar tudo aqui e a Comunidade vai ficar na vontade deles. Na hora que eles acabarem a mineração, vai virar nada isto aqui. Nem o povo e nem as nossas residências, nossos quintais, nossas águas, nossas árvores. Nada."

- "Do jeito que está aí não dá para viver, é poeira, é barulho, é nossas águas secando. Nós já não aguentamos mais. É assim, essa é nossa condição aqui. Mas, você vê, mesmo assim nossa vontade é ficar mais. Nas águas até que ainda tava indo, agora se você ver essa situação nestes dias que está de sol, está triste. As camas, tudo, tudo fica empoeirado. Precisa lavar as roupas de cama todos os dias."

- "Hoje a Comunidade está vazia, a mineração interferiu, porque as vezes muitos não tinham planos de sair, mas, a empresa foi atingindo, comprando, esvaziando, esgotando... Tiveram que vender a terra, e o povo foi só saindo, deixando para trás a casa, o quintal, as mangueiras onde balançaram os filhos, e se foram, se foram levando as memórias, as saudades... A mineração começou comprando aos poucos, depois com os anos veio avançando, atacando os outros. A mineração vai fracassando o lugar aos poucos."

(Palavras de camponeses da Comunidade Coqueiros, Outubro de 2014).

Um buraco à céu aberto. Uma vala. Os Coqueiros, hoje, é uma depressão cheia de lembranças. Falam que a pedra brilha. Eu nunca vi mas posso imaginar que deve brilhar mesmo. De lá, restou a igreja, um campinho de cimento e o cemitério da família.

Ti Walto morreu depois de 3 anos de cidade. Tia Guinha segue, agora, viúva, numa casa simples no bairro Ipanema. Ti Seba e Tia Nízia seguem isolados numa curva distante com vista pro buraco. Ti Díleno morreu 1 ano antes da bomba estourar.

Ao falar deles, me coloco como agente e personagem desse causo novo que não visa remontar os fatos tais quais eles aconteceram. Busco nessa estória, traçar paralelos possíveis e inimagináveis entre o céu e a terra. Contos do agora olhando o passado e imaginando um futuro caduco.

Para isso, me apego às palavras do texto "Manifesto Ciborgue" de Donna Haraway, quando ao falar sobre o ser ciborgue, ela o descreve como "uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção."

Esse misto desmedido de perspectivas dialéticas - o campo e a cidade, o solo e o minério, o macho e a flor, o caipira e o urbano - foram os motores de minha curiosidade durante esse processo na busca por uma construção conceitual, sonora e imagética do que poderia, então, representar e por ventura, ser esse personagem "caipira ciborgue".

Devaneio essa espécie de cowboy fantasma, holograma molhado por uma lembrança de terra fértil que não existe mais. Personifico as chagas do meu próprio fim enquanto celebro a artificialidade de novos começos que se fazem necessários. Abro a lápide de onde jaz todas as festas para dançar mais uma vez por entre as ossadas de meus antepassados. Dançar com eles. Dançar com elas. Dançar por e para eles e elas.

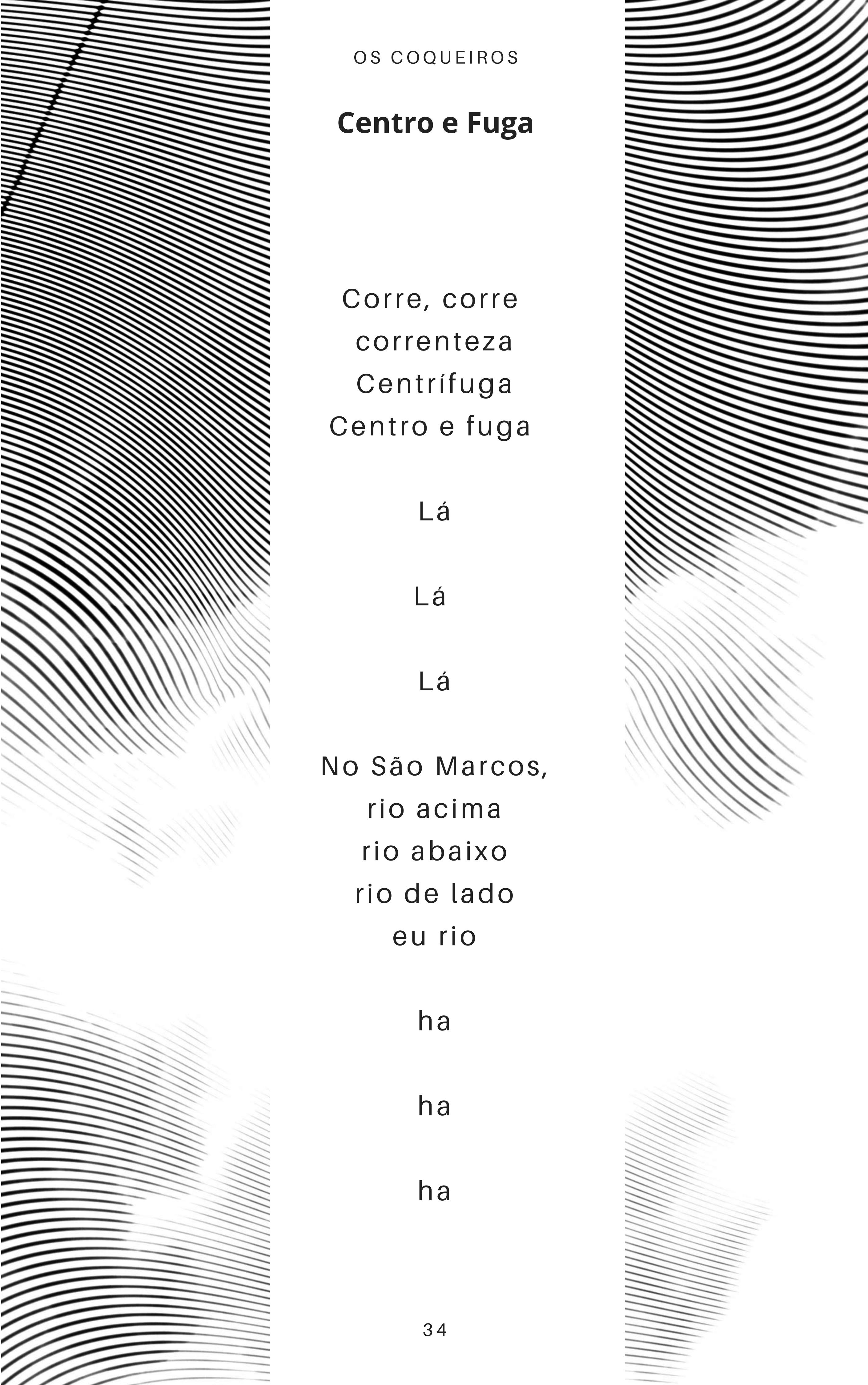
A viola caipira, dessa vez, estrala junto as picapes e caixas de som. Fivelas brilhantes, estrelas cadentes, flashes de celular, botas de salto alto e troncos cada vez mais tortos. Já não somos os mesmos e ainda sim, me molho nessa mesma água turva.

Falar sobre essa mesma terra ainda nos faz sentido.

Somos cria dessa vala.

Somos fruto dessa pedra maldita.





OS COQUEIROS

## Centro e Fuga

Corre, corre  
correnteza  
Centrífuga  
Centro e fuga

Lá

Lá

Lá

No São Marcos,  
rio acima  
rio abaixo  
rio de lado  
eu rio

ha

ha

ha

OS COQUEIROS

## Centro e Fuga

No sertão,  
lá no cerrado  
interior do mato  
Eu rio  
rio

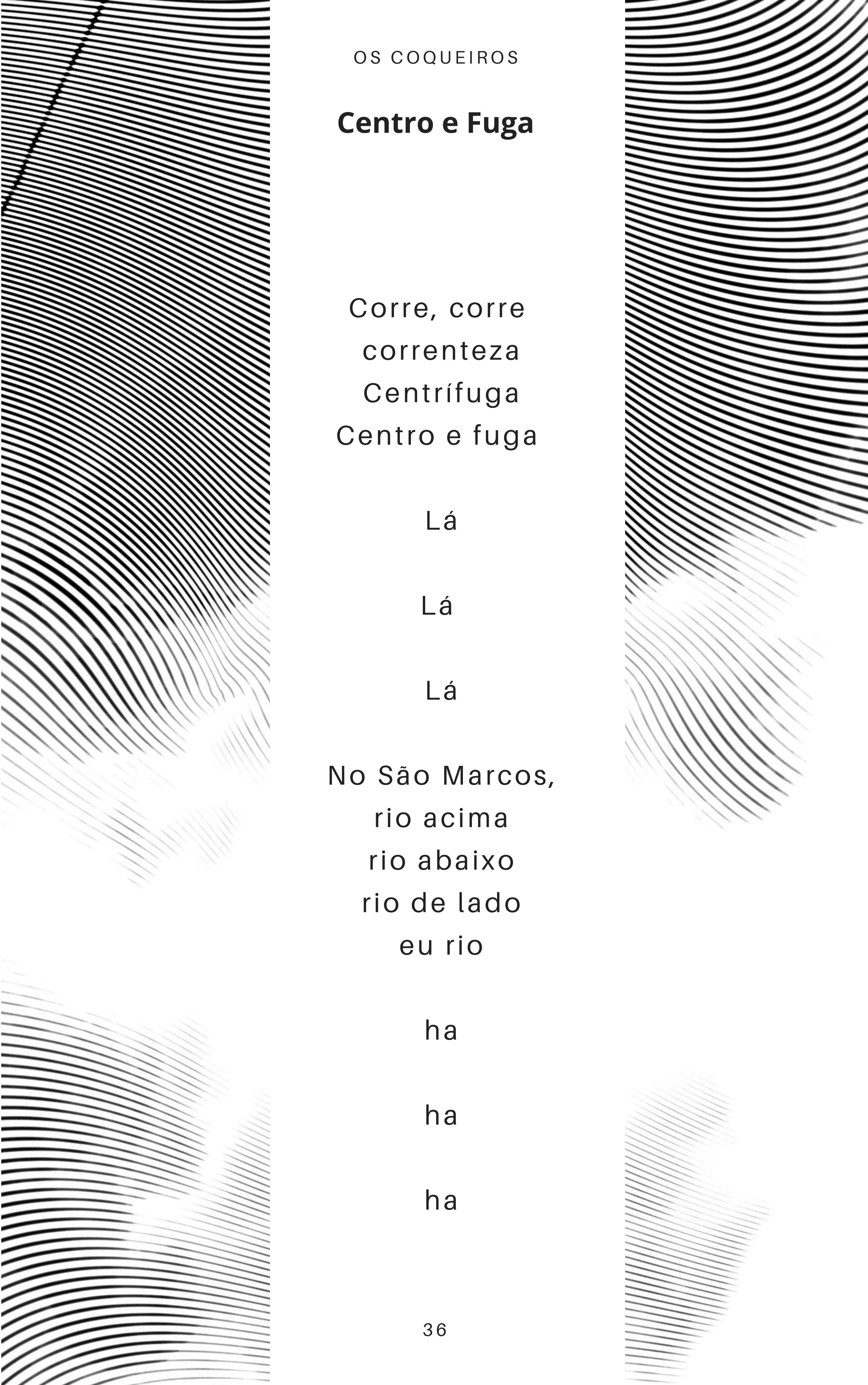
ha

ha

ha

Eu deságua  
Jenipapo  
Bato um papo  
Escuto o mato  
Pé de tento  
eu tento a fuga  
mas não guento  
e volto





OS COQUEIROS

## Centro e Fuga

Corre, corre  
correnteza  
Centrífuga  
Centro e fuga

Lá

Lá

Lá

No São Marcos,  
rio acima  
rio abaixo  
rio de lado  
eu rio

ha

ha

ha

OS COQUEIROS

## Centro e Fuga

No sertão,  
lá no cerrado  
interior do mato  
Eu rio  
rio

ha

ha

ha

Eu deságua  
Jenipapo  
Bato um papo  
Escuto o mato  
Pé de tento  
eu tento a fuga  
pulo a cerca  
e olho



OS COQUEIROS

## **Centro e Fuga**

O constante movimento  
o constante

O constante movimento  
o constante

O constante movimento  
Orgânico e bruto  
Fino e caudaloso  
Cristalino e escuro

O constante movimento  
o constante

O constante movimento  
o constante

## Centro e Fuga

Mas quando volto  
só me afundo  
bem no fundo  
desse mundo  
Aquático e seco

AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA  
vejo o céu e grito  
AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA

I'm just a country boy  
I'm just a country boy  
I'm just a country boiola  
I'm just a country boiola

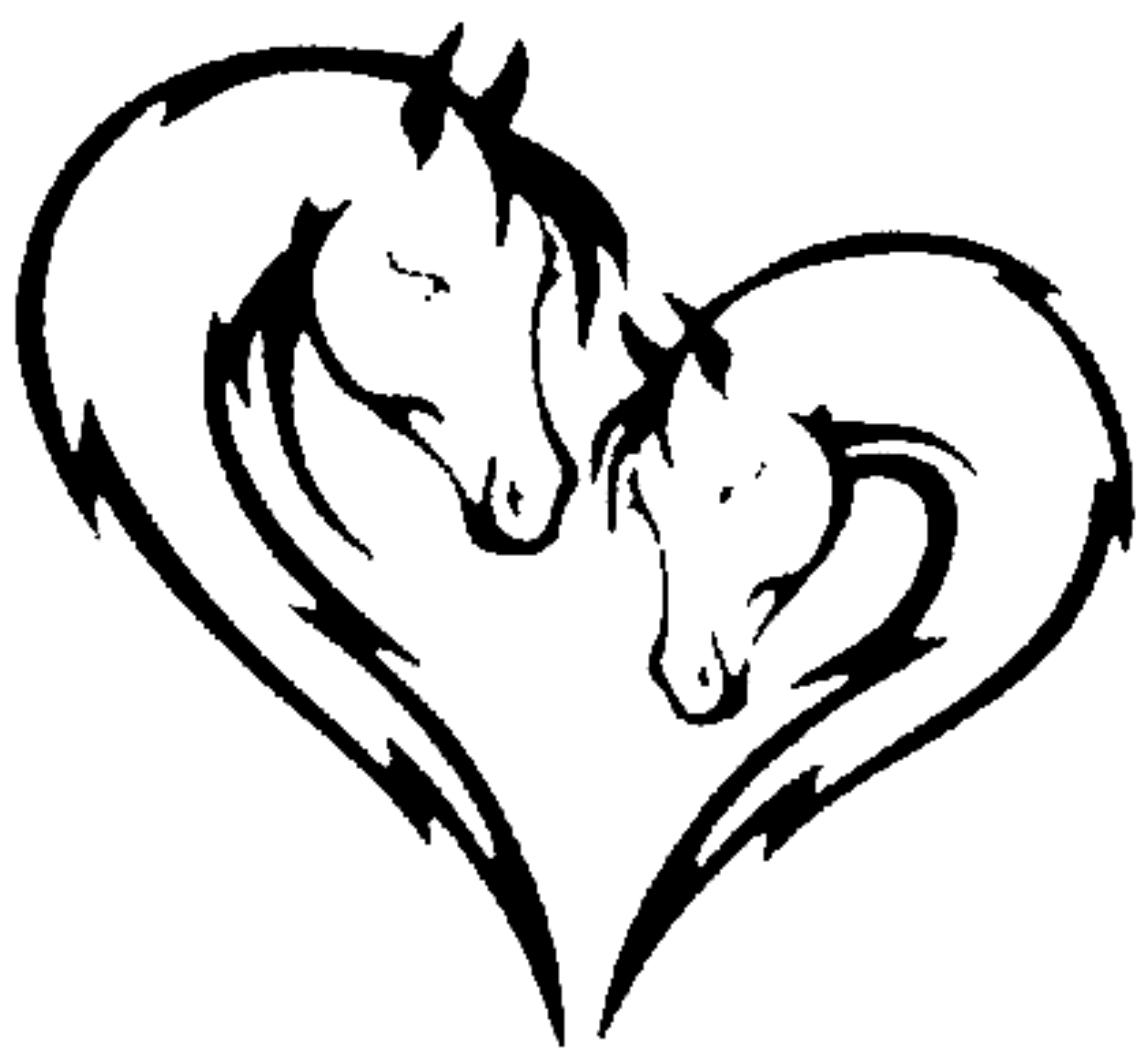
E gosto

Corre corre  
correnteza  
Centrifuga  
centro e fuga





O BEIJO DA MURIÇOCA



O BEIJO DA MURIÇOCA

Todo dia ela vem e some  
a me chupar a noite inteira.

Quando a procuro?  
Não a acho.

Qual seu tamanho?

Não sei.

Tem cor?

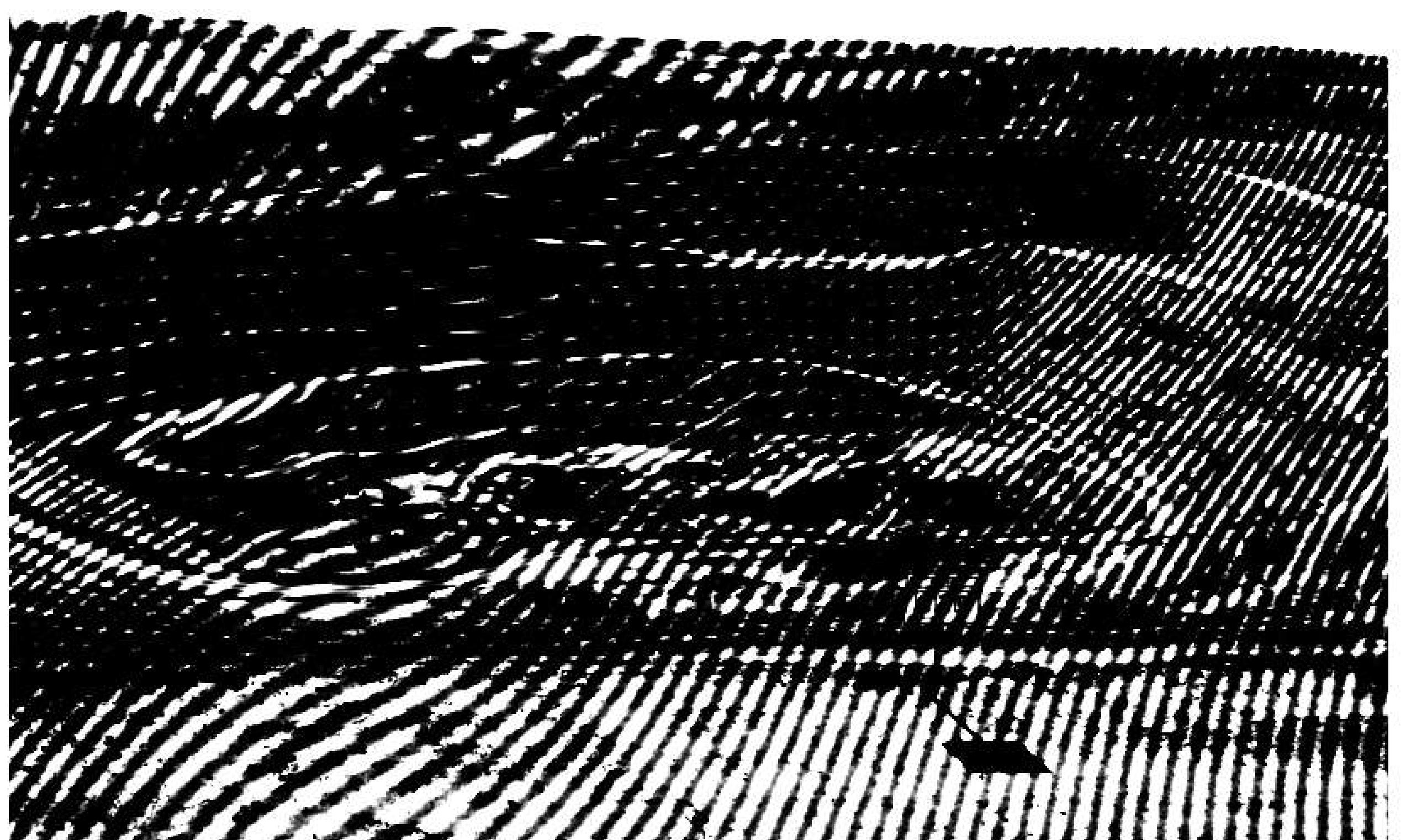
Depende.

Eu gosto?

Não,

mas ela continua.

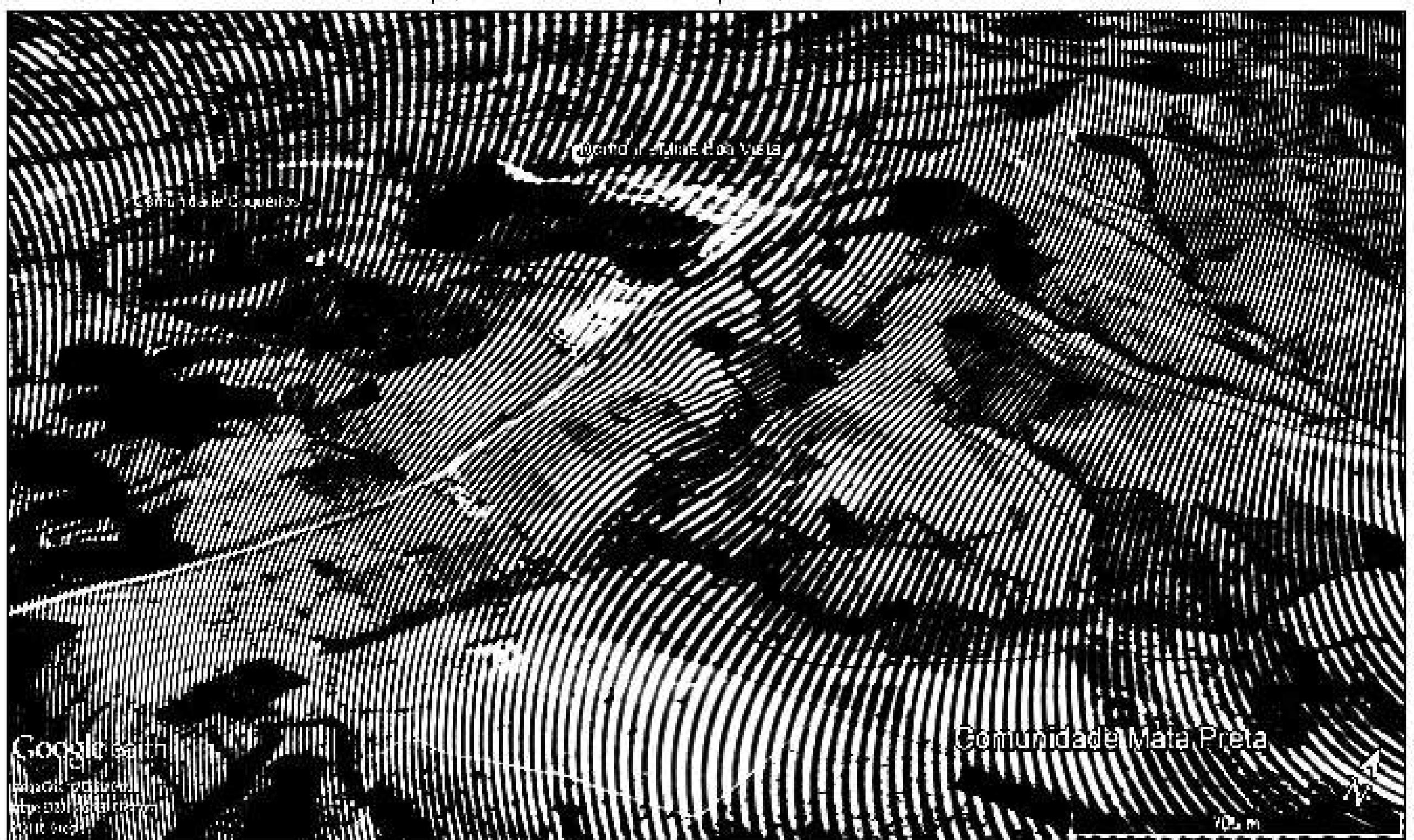
## O BEIJO DA MURIÇOCA



**Figura 1**- Vista parcial da mina Boa Vista e do entorno ocupado por áreas de pastagens na comunidade Coqueiros, Catalão(GO). Foto de Ricardo Gonçalves. Julho de 2019.

## O BEIJO DA MURIÇOCA

**Figura 2-** Ilustração da rede de drenagem no entorno do Domo II - Mina Boa Vista onde está localizada a Comunidade Coqueiros e também nas proximidades da Comunidade Mata Preta.



## O BEIJO DA MURIÇOCA

Um susto, um vulto, um parente.  
Tem cobra em pele de lebre.  
Tem onça em pele de gente.

Na vala do quintal de casa  
dançamos nós 3.  
Hora sim hora não  
Hora chove traveis

O céu da boca da sapa é vermelho  
E todes páramos para expectar  
Aquela mosquitaria de banquete  
Todinha só pra ela  
Uma um escorregando  
No abismo da sua guela

De fora do céu do boca, sussurramos um sorriso novo.  
Seria esse o fim da tirania das muriçocas?

## O BEIJO DA MURIÇOCA

"E a muriçoca soca, soca, soca, soca, soca, soca  
E a muriçoca pica, pica, pica, pica, pica, pica  
E a muriçoca soca, soca, soca, soca, soca, soca  
E a muriçoca pica, pica, pica, pica, pica, pica

Tu quer dormir de noite?

Eu não consegui dormir  
Uns zunido nos ouvido,  
A muriçoca vem aí

Tu quer dormir de noite?  
Eu não consegui dormir  
Uns zunido nos ouvido,  
A muriçoca vem aí

E a muriçoca soca, soca, soca, soca, soca, soca  
E a muriçoca pica, pica, pica, pica, pica, pica  
Ô a muriçoca soca, soca, soca, soca, soca, soca  
E eu disse pica, pica, pica, pica , pica

Tô querendo dormir mas eu não consigo  
A muriçoca vem e vem morder o meu umbigo  
Tô querendo dormir mas eu tô na merda  
A muriçoca vem e vem picar na minha perna

E a muriçoca soca, soca, soca, soca, soca, soca  
E a muriçoca pica, pica, pica, pica, pica, pica"

Muriçoca - O Rei da Cacimbinha

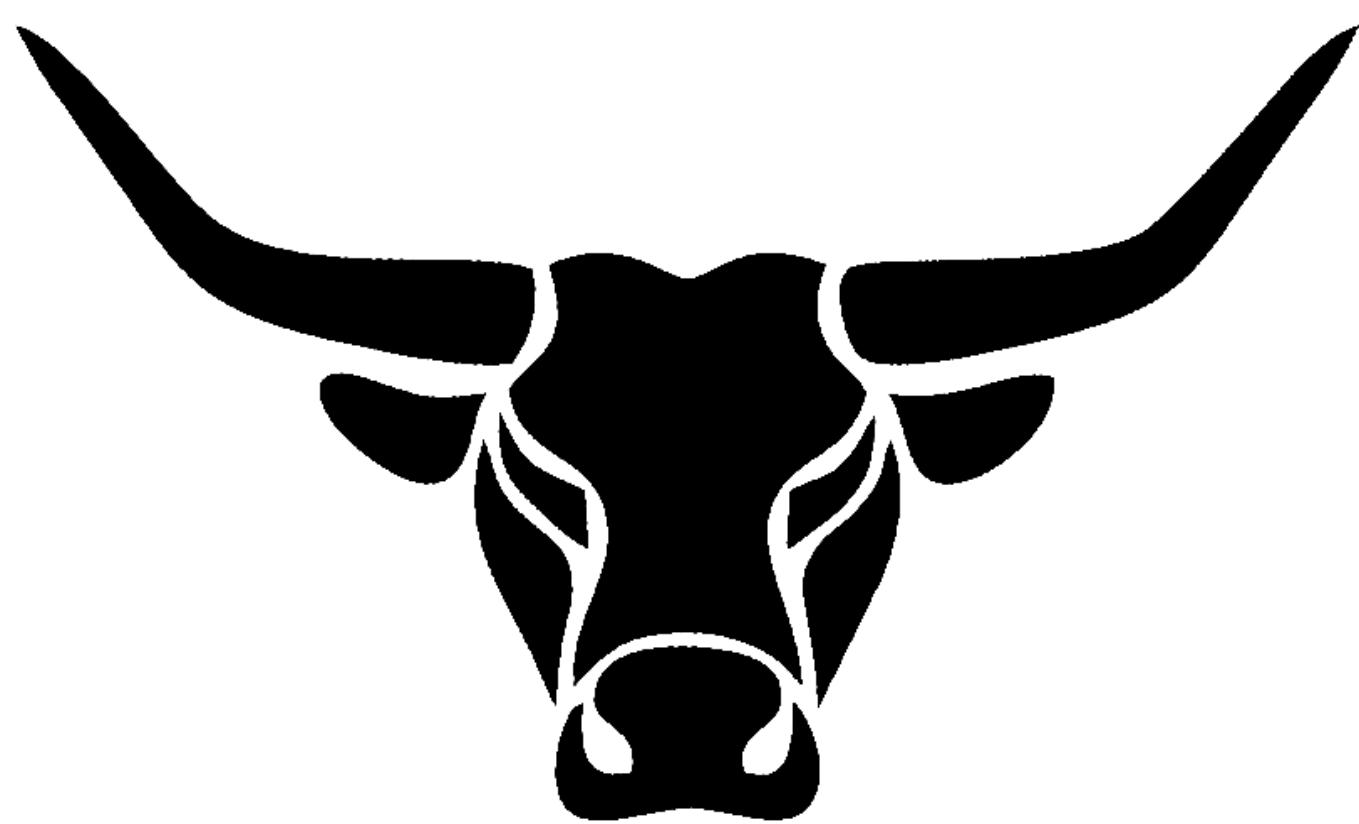


O BEIJJO DA MURIÇOCA, 2022  
Experimento sonoro

Duração: 17 minutos e 53 segundos



COWGAY ALL THE WAY



Sempre que volto para Catalão, algumas atribuições conceituais e sociais, sempre voltam a pairar como forma de cobrança no meu imaginário. Penso em virilidade, em ser, sobretudo, macho. Essa espécie de bicho rústico com grande potência na ação e pouca eloquência comunicativa. Homem com H maiúsculo imbuído de todas as tarefas braçais e de todas as toxinas advindas dessa maldição. Eu nunca consegui ser isso. O que acabou me conduzindo ao campo do desejo. Platicamente, com um certo receio e remorso, essa tensão que nutro relacionada a essa abstração do masculino se relaciona com a ideia de um ser terrivelmente insaciável, eternamente potente, passional, xucro, bruto, rústico, simples e sistemático.

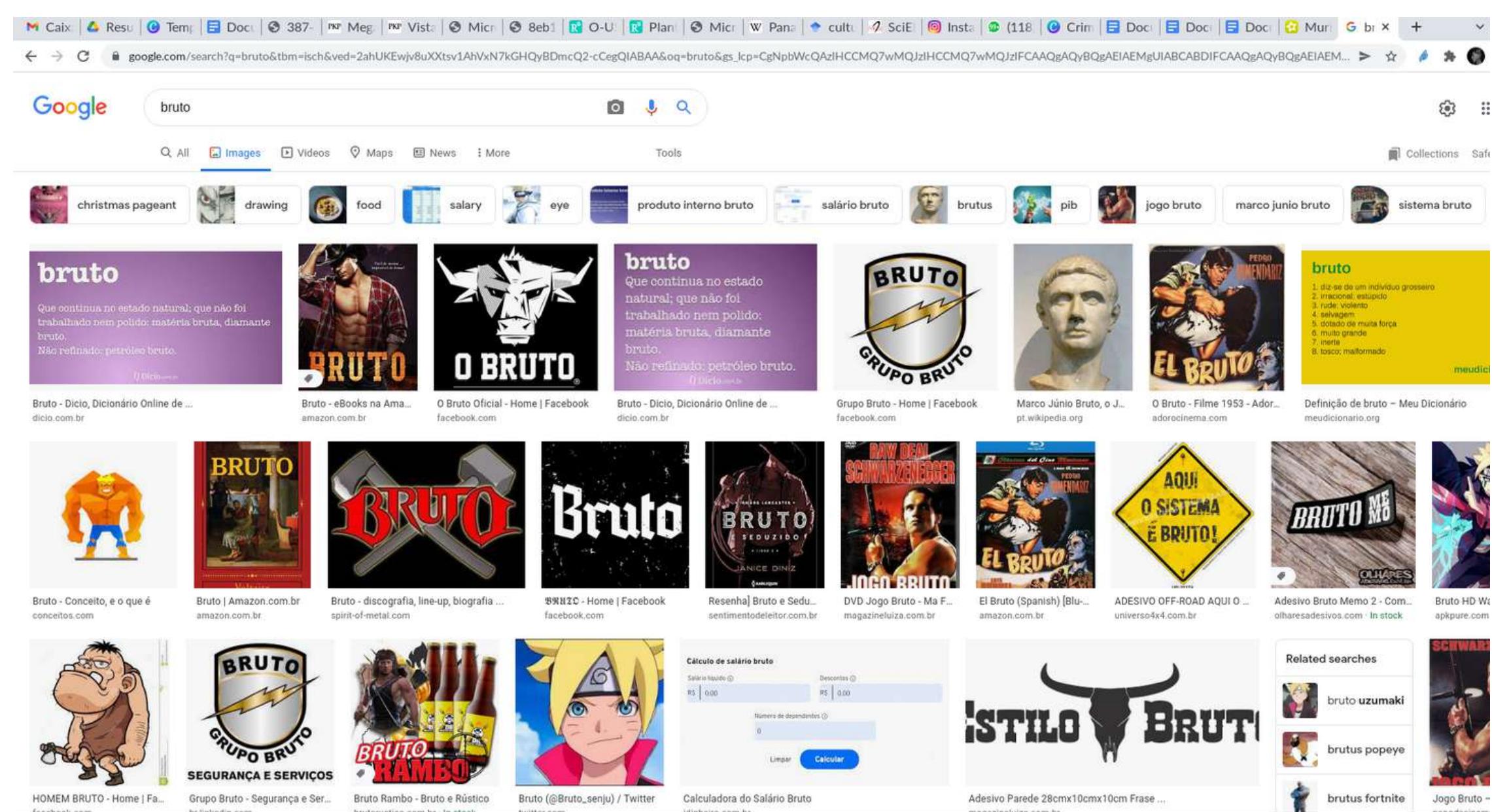
Penso nas calças e botinas sujas de poeira depois do dia inteiro na lida, no cheiro forte de suor, nos braços largos, grossos, suados. Nos pelos, nos muitos pelos cobrindo o corpo todo. Nas unhas pretas e encardidas, nas mãos ásperas como uma lixa.

No bafo de fumo e cachaça, no boné na cabeça, na barba por fazer pulsando na pele vermelha recém lambada pelo sol. Penso sempre nas amantes. E por vezes, sinto que o papel da outra poderia me cair bem. A outra do macho. A que não foi e mesmo assim continua sendo a escolhida. Um ser desgraçadamente feliz e em constante tensão. A fonte de todo prazer e de toda a discórdia.

Às vezes, sonho que sou um cavalo. Um potro, na verdade. Cavalinho novo que sonha em ser cavalão mas ainda corre desengonçado, meio franzino, meio menino, sobretudo frágil frente a cavalaria viril. Essa virilidade foi sempre experimentada por mim à conta gotas.

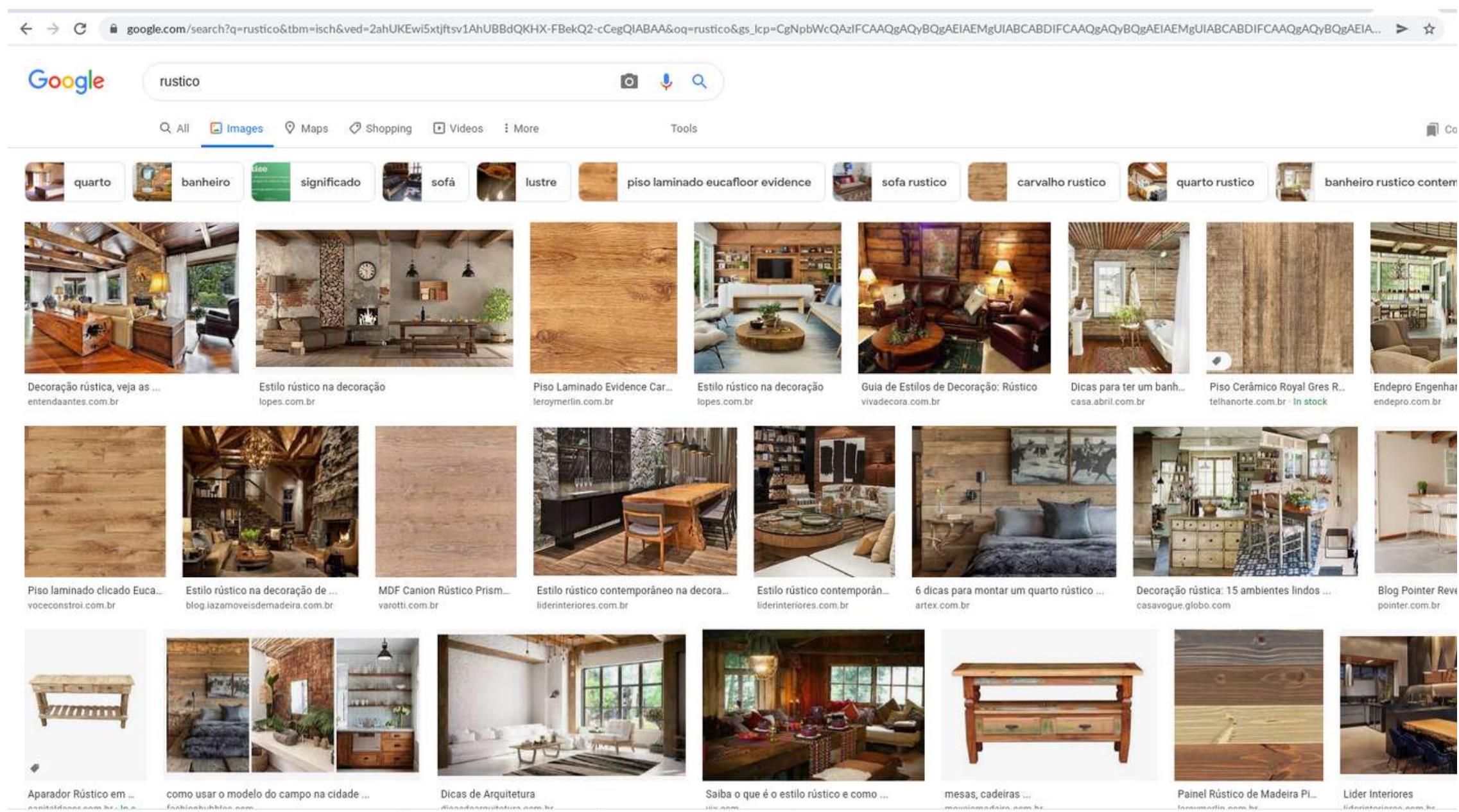
Por tempos me senti frustrado porque eu não poderia nunca ser tão homem quanto todos os homens da minha família. Nem tão robusto, nem tão viril, nem tão homem. Essas atribuições nunca me couberam, nunca me reluziram.

Na esperança de experimentar essas máximas que compõem o repertório e vocabulário do que é ser macho em Goiás, experimentei aqui, fazer uma delicada pesquisa imagética frente as palavras: Bruto, Rústico e Sistemático. Visando assim, analisar suas respectivas representações em sites de busca na internet. Em sites como google.com, a pesquisa das palavras Bruto, Rústico e Sistemático quando pesquisadas separadamente geraram poucos resultados relacionadas com a temática.

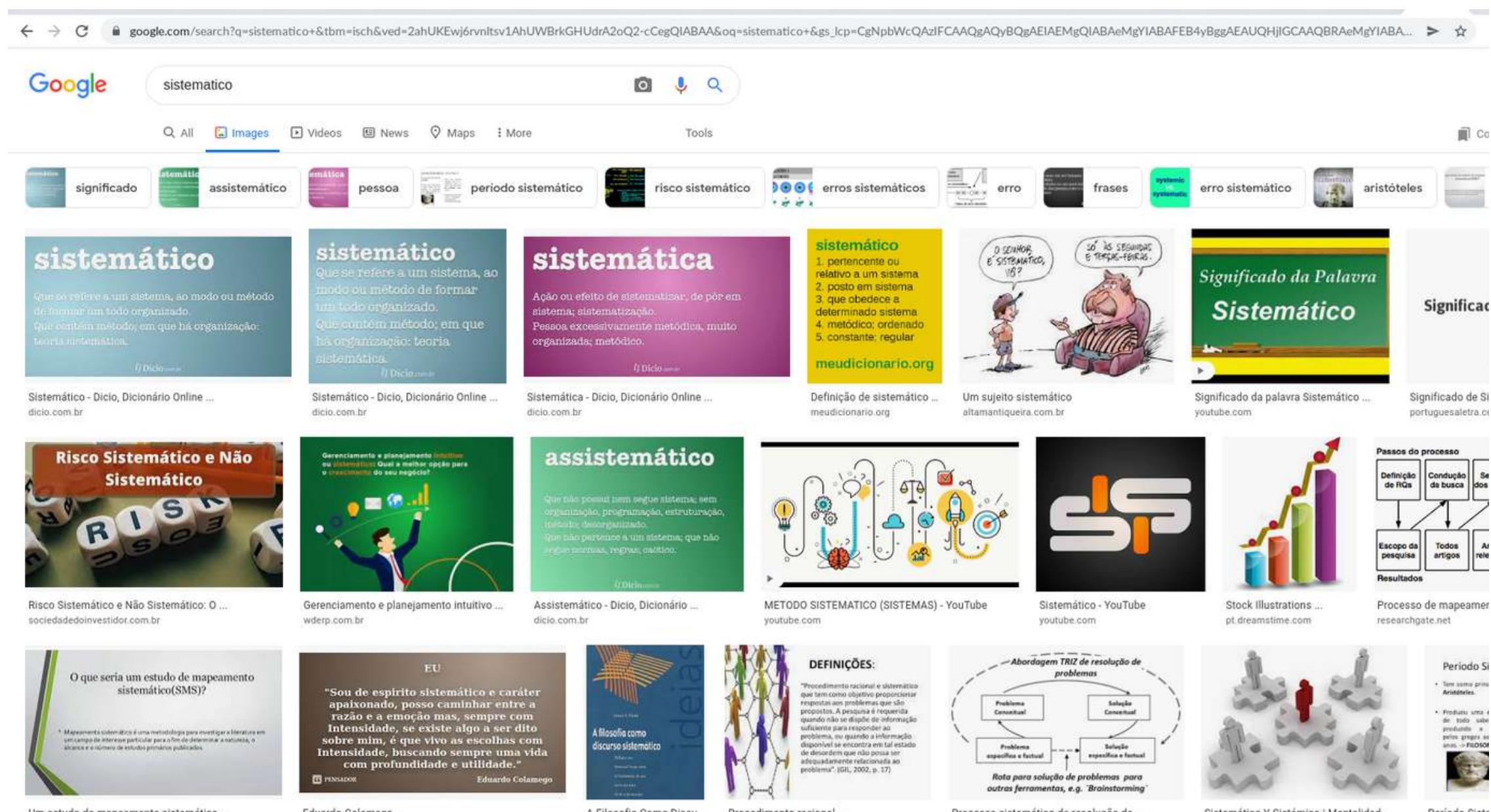


Pesquisa da palavra "Bruto" no site [google.com](http://google.com)

# COWGAY ALL THE WAY

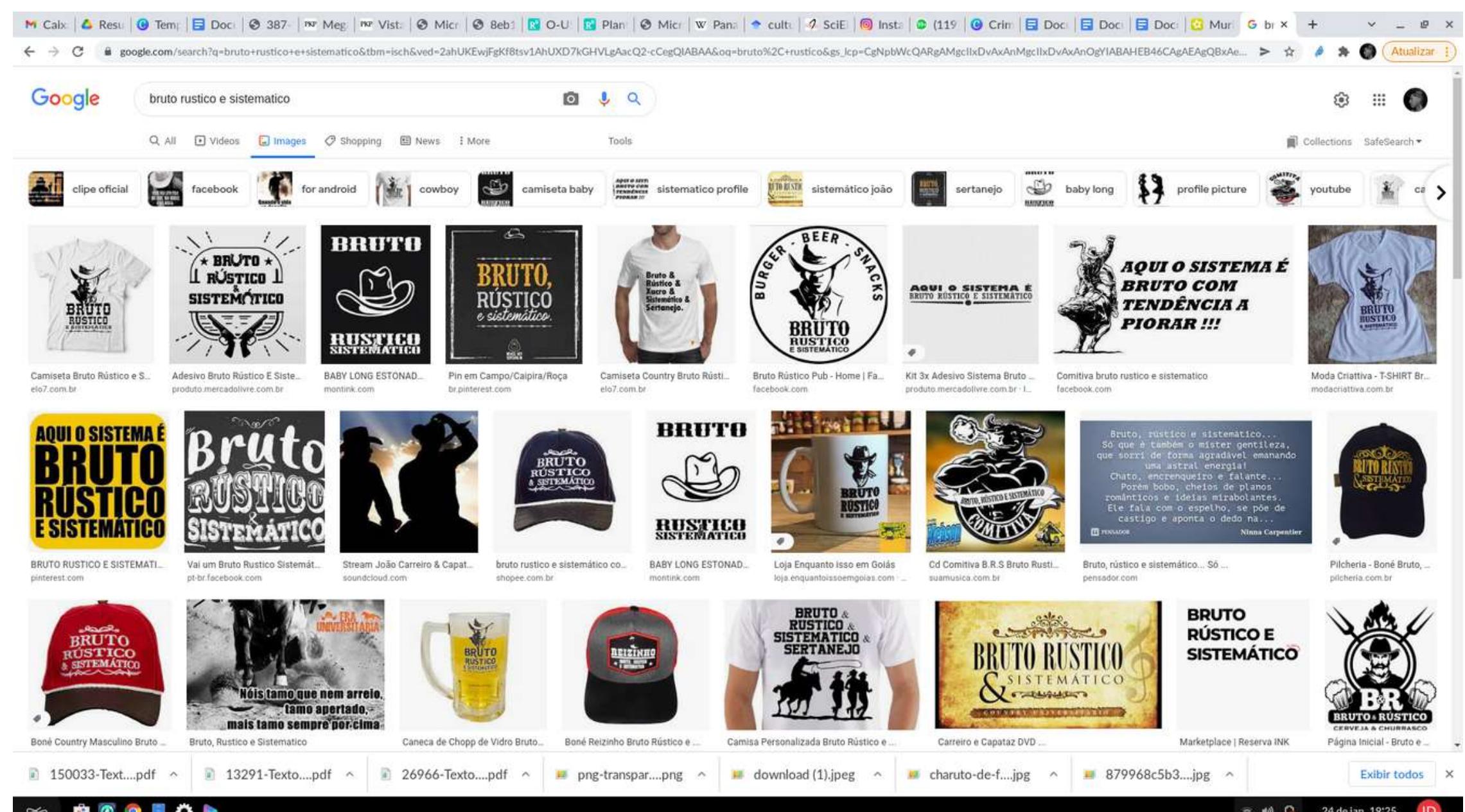


Pesquisa da palavra "Rústico" no site [google.com](http://google.com)



Pesquisa da palavra "Sistemático" no site [google.com](http://google.com)

Pesquisei, então, essas três palavras agrupadas numa mesma frase : "Bruto, Rústico e Sistemático". Foi notável a presença delas estampadas em produtos dos mais variados tipos, como camisetas, bonés, adesivos, canecas, entre outros. Esses itens estampados com a frase, expostos em sites de venda, em sua maioria estavam compostos por elementos figurativos, tais como: chapéus, silhuetas de uma pessoa com chapéu, cavalos, silhuetas de uma pessoa montando um cavalo, armas de fogo , cervejas, touros, dentre outros. Percebi que essas composições de alguma medida, estavam todas relacionadas com a representação visual e moral desse tal homem caipira.



Pesquisa da frase "Bruto, Rústico e Sistemático" no site [google.com](http://google.com)

COWGAY ALL THE WAY



Visando, esmiuçar e fabular a construção visual e conceitual dessa corporatura masculina sertaneja, desenvolvi, ao longo do meu projeto de pesquisa, 3 personagens as quais abraçam diferentes desdobramentos de uma mesma figura central que intitulo como "caipira ciborgue".

Friso meu interesse em pesquisar nessa alçada do projeto, principalmente, os aspectos de construção visual, figurino e direção de arte relacionados às personas, ambientando as em ensaios de foto-performance realizados na cidade de Catalão e na comunidade Coqueiros, junto ao fotógrafo Raphael Diniz.

Me utilizei de peças de roupas e objetos de acervo familiar para a construção de figurino dessas personas, tais como o chapéu de boiadeiro do meu bisavô, o robe de pelúcia com estampa de onça da minha avô e o facão de pescaria do meu pai.

As personagens, independentes e circunscritas entre si, se apresentam tanto no plano da realidade social quanto dentro da perspectiva relacional da digitalidade. Para tal, busquei construir conceitualmente suas respectivas representações na dita vivência material, bem como suas representações específicas dentro do campo digital.

Na busca por gerar novas interlocuções e compartilhamentos de processo, criei, igualmente, perfis pessoais em diferentes redes sociais para duas dessas personas, sendo essas, na plataforma Instagram e no aplicativo de relacionamentos Hornet.

Até o presente momento, me utilizei dessa criação de perfis em redes sociais como alternativas possíveis de exposição dessas células foto-performativas e não necessariamente, visando a atuação direta dentro desses espaços relacionais. Não descartando, porém, essa possibilidade em desdobramentos futuros do projeto.

# @COWCAMBOY

Escutar sertanejo bem alto  
dirigindo pela cidade.

Frequentar o bar Point  
Universitário e nos finais de  
semana, ir aos jogos do time  
da cidade, o Crac.

Gostar de cerveja gelada e  
torresmo.

Ser macho até debaixo de  
outro macho.

Fazer shows eróticos em sites  
voltados para o público gay e  
se apresentar como  
@cowcamboy.



Ter encontros íntimos  
frequentes com outros  
homens gays da cidade, mas  
tudo no sigilo.

Socialmente, se apresentar  
como um homem hétero e  
não aceitar que digam o  
contrário.

Ter fama de ignorante,  
briguento e falastrão.

COWGAY ALL THE WAY

@COWCAMBOY



@COWBOYEMLUTO

Ser devoto de Nossa Senhora  
do Rosário.

Todos os dias, fazer o mesmo  
trajeto até a igreja da  
comunidade Coqueiros.

Carregar sempre consigo um  
buquê de flores azuis de  
plástico.

Ser expulso do seminário por  
fornicar com os colegas  
seminaristas.

Ser discreto e fora do meio.

Só se permitir ser visto com  
uma vestimenta preta que  
cubra toda a extensão de sua  
pele, dos pés à cabeça.



Gostar de conversar com o  
padre e de andar a pé.

Estar em aplicativos de sexo  
gay com o user  
@cowboysigilo mas nunca se  
encontrar com ninguém.

Ter a voz aveludada e grave,  
porém falar pouco.

COWGAY ALL THE WAY

@COWBOYEMLUTO



# @ESPANTALHOAMARELO

Gostar de correr perto do cemiterio da comunidade Coqueiros.

Mostrar sempre as pernas e as nádegas

Beijar na boca de todas as pessoas e fantasmas que quiserem levar um beijo na boca

Carregar consigo um espelho e fazer dele um farol

Furar o pneu de carros corporativos

Só falar palavras que não existem e gritando

Não ter celular



Organizar grandes festas de roça com cachaça e comida de graça

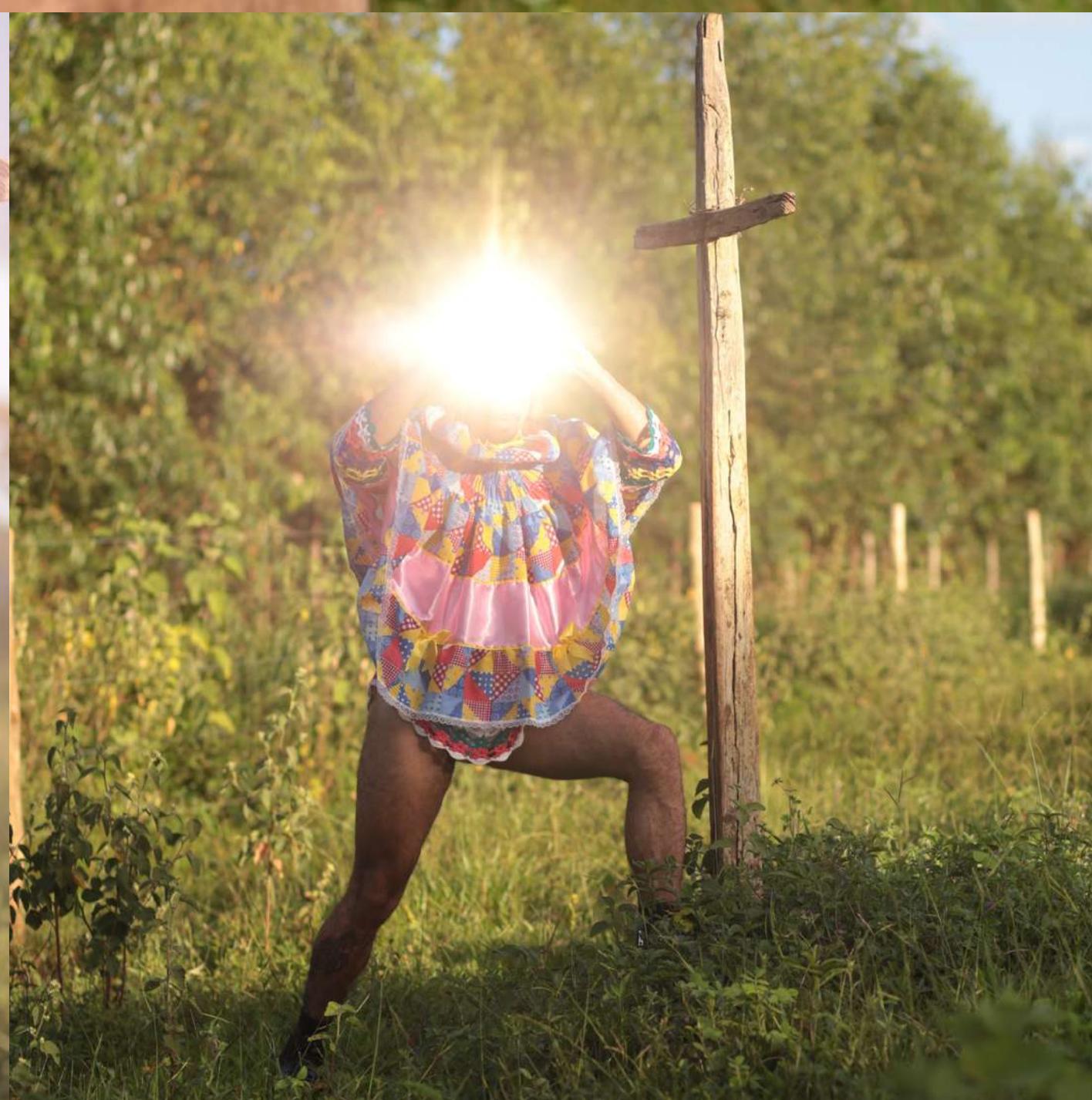
Assustar gringos imperialistas

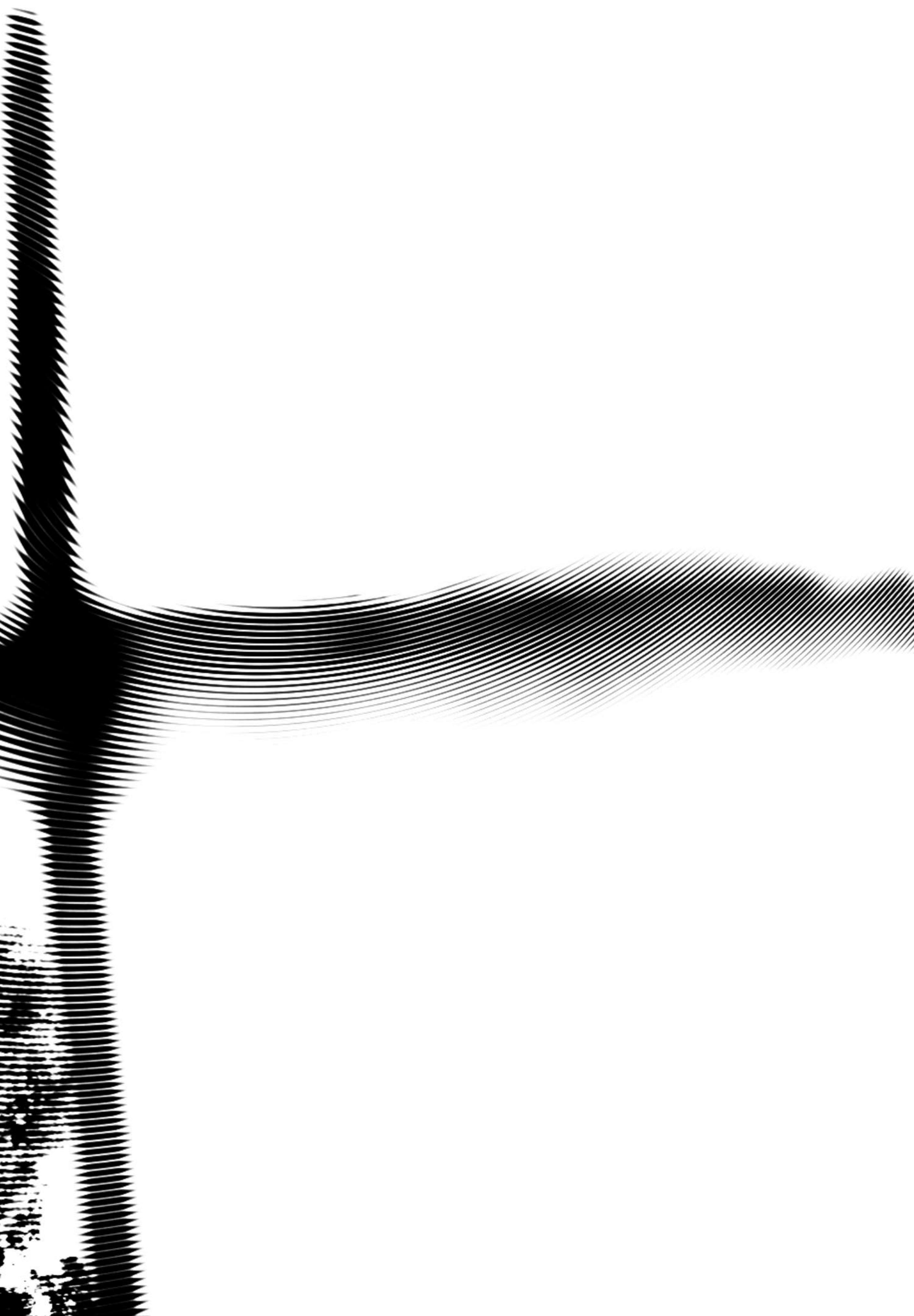
Dar rasteira em placa de trânsito

Voar com os cavalos

COWGAY ALL THE WAY

@ESPANTALHOAMARELO







## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

GONÇALVES, R. J. de A. F. No horizonte, a exaustão: disputas pelo subsolo e efeitos socioespaciais dos grandes projetos de extrativismo mineral em Goiás. 2016. 504 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016

HARAWAY, D. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In. Tadeu, T.(Org.) Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Pp 33-118.

RUSSOLO, Luigi. The Art of Noises. New York: Pendragon Press, 1986.

